



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI  
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**JOICE GOMES XAVIER**

**CULTURA ESCRITA NO ALTO SERTÃO DA BAHIA (FIM DO  
SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX): A PRODUÇÃO CULTURAL DE  
JOAQUIM MANOEL RODRIGUES LIMA JUNIOR**

**CAETITÉ  
2020**

**JOICE GOMES XAVIER**

**CULTURA ESCRITA NO ALTO SERTÃO DA BAHIA (FIM DO  
SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX): A PRODUÇÃO CULTURAL DE  
JOAQUIM MANOEL RODRIGUES LIMA JUNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Letras: Língua  
Portuguesa e Literaturas da Universidade  
do Estado da Bahia – UNEB – Campus  
VI, para obtenção do título de licenciada  
em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Zélia Malheiro  
Marques

**JOICE GOMES XAVIER**

**CULTURA ESCRITA NO ALTO SERTÃO DA BAHIA (FIM DO  
SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX): A PRODUÇÃO CULTURAL DE  
JOAQUIM MANOEL RODRIGUES LIMA JUNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Letras: Língua  
Portuguesa e Literaturas da Universidade  
do Estado da Bahia – UNEB – Campus  
VI, para obtenção do título de licenciada  
em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Zélia Malheiro  
Marques

Aprovada em: 27 de março de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Zélia Malheiro Marques  
Orientadora

---

Prof. Dra. Lielva Azevedo Aguiar  
Co-orientadora e Examinadora

---

Prof. Dra. Esmeralda Guimarães Meira  
Examinadora

CAETITÉ  
2020

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

X3c

Xavier, Joice Gomes  
Cultura escrita no Alto Sertão da Bahia (fim do século XIX e início do XX): a produção cultural de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior / Joice Gomes Xavier.-- Caetité, 2020.

50 fls : il.

Orientador(a): Zélia Malheiro Marques.

Coorientador(a): Lielva Azevedo Aguiar.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) –  
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

1.Cultura escrita. 2.Leitura. 3.Alto Sertão da Bahia. 4.Joaquim  
Manoel Rodrigues Lima Junior.

CDD: 370

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter concedido saúde para elaboração deste trabalho. Aos professores e colegas do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, e com carisma especial a Orientadora Ma. Zélia Malheiro Marques pelo incentivo e apoio incessante no decorrer do curso, à qual me faltam palavras para agradecer e sobra o sentimento de afeto, admiração e respeito. À professora Lielva Azevedo Aguiar, do curso de História da UNEB/Campus VI, pelo suporte à esta pesquisa, e aos professores Ginaldo Cardoso de Araújo pelas suas orientações e valiosas contribuições e Esmeralda Guimarães Meira pela sua humanidade.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus VI, por ampliar as possibilidades de conhecimento e crescimento enquanto cidadã participante e integrante de uma sociedade com complexidades diversas. Aos funcionários, em especial à Jeane Fernandes Oliveira Magalhães, do Colegiado de Letras. Às amigas e colegas de curso, Eliene Batista, Anderson Públio e Rayanne Kelly, por serem escudeiros num momento difícil. Ao meu irmão, Elexandro Rodrigues Xavier, pela convivência durante o curso, pelo seu suporte técnico e humano.

Um agradecimento especial pelo estímulo e apoio incessante de minha família e ao meu namorado, Yuri Araújo, por sempre me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos.

Dedico este trabalho aos meus pais, Julindo e Paula. À minha mãe que nunca mediu esforços para que eu prosseguisse com meus estudos. Aos meus irmãos, Fernando e Elexandro, que sempre me deram apoio, aos quais sou muito grata.

[...] os questionamentos sobre o uso restrito e exclusivo de fontes escritas conduziu a investigação histórica a levar em consideração o uso de outras fontes documentais, aperfeiçoamento as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, música e rítmica

(CERRI; FERREIRA, 2007, p. 72).

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo a produção cultural escrita de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, no Alto Sertão da Bahia, (fim do século XIX e início do XX). Neste trabalho, está em destaque a produção literária, as práticas de leitura e de escrita desse político e poeta caetiteense, neto do Barão de Caetité, na transição do século XIX para o século XX, a partir do conhecimento de sua produção escrita. Trata-se de uma pesquisa documental, utilizando fontes como cartas, cadernos de anotações, poemas, dentre outros manuscritos e impressos. Através de questões relacionadas às práticas de leitura e de escrita de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, analisamos o modo como se constituiu sua produção escrita. Entre diversas fontes escritas, inseriu-se esse estudo, com suporte teórico-metodológico da História da Leitura, da História Cultural e da História das Culturas do Escrito e, sendo pesquisa documental, mapeamos produção escrita do autor e após ler e separar por categorias, em análise, foi possível observar que sua produção cultural, anteriormente na invisibilidade, passa a ser discutida como práticas de leitura e de escrita de uma época em que, na região, havia um número grande de analfabetismo e que esses registros estão como possibilidade de expressão não somente da cultura letrada, mas também para comunicar a oralidade regional que é identificada por sua expansão, nas diversas instâncias educativas e culturais, lugares de participação social.

**Palavras-chave:** Cultura escrita. Leitura. Instâncias educativas. Alto Sertão da Bahia.

## ABSTRACT

This research had as object of study the written cultural production of Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, in Alto Sertão da Bahia, (end of the 19th century and beginning of the 20th). In this work, the literary production, the reading and writing practices of this Caetité politician and poet, grandson of the Barão de Caetité, in the transition from the 19th to the 20th century are highlighted, based on the knowledge of his written production. It is a documentary research, using sources such as letters, notebooks, poems, among other manuscripts and printed matter. Through questions related to the reading and writing practices of Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, we analyzed the way his written production was constituted. Among several written sources, this study was inserted, with theoretical and methodological support from the History of Reading, Cultural History and the History of Cultures of Writing and, being documentary research, we map the author's written production and after reading and separating it into categories, in analysis, it was possible to observe that its cultural production, previously in invisibility, starts to be discussed as reading and writing practices of a time when, in the region, there was a great number of illiteracy and that these records are as a possibility of expression not only of literate culture, but also to communicate the regional orality that is identified by its expansion, in the various educational and cultural instances, places of social participation.

**Keywords:** Written culture. Reading. Educational instances. Alto Sertão da Bahia.

## LISTA DE SIGLAS

APMC	Arquivo Público Municipal de Caetité
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GHEPE	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação
GPCSL	Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem
IC	Iniciação Científica
MASB	Museu do Alto Sertão da Bahia
PPG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1. A ITINERÂNCIA DO INTELLECTUAL E SERTANEJO JOAQUIM MANOEL RODRIGUES LIMA JUNIOR</b> .....	<b>15</b>
1.1 ALTO SERTÃO DA BAHIA: CENÁRIO DA PESQUISA .....	17
1.2 INSTÂNCIAS FORMATIVAS QUE COLABORARAM PARA A PARTICIPAÇÃO DE LIMA JUNIOR NA CULTURA ESCRITA .....	24
<b>2. DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE LIMA JUNIOR (FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX)</b> .....	<b>30</b>
<b>3. MODOS DE PARTICIPAÇÃO NA CULTURA ESCRITA: A LEITURA/ESCRITA PROJETADA POR LIMA JUNIOR</b> .....	<b>35</b>
3.1 TEMÁTICAS ABORDADAS NOS MANUSCRITOS DE LIMA JUNIOR: DOS PALANQUES A ESCRITA POLÍTICA E POÉTICA .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>37</b>
<b>FONTE</b> .....	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
<b>SITES CONSULTADOS</b> .....	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo a produção escrita de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, no Alto Sertão da Bahia, em fins do século XIX e início do século XX. Importante salientar que essa produção é resultante da movimentação cultural da época em que diversas instâncias educativas foram sendo criadas e, em meio a esse movimento, identifiquei pessoas que estiveram no processo de desenvolvimento delas. Dentre elas, ressalto Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, que é neto do Barão<sup>1</sup> de Caetité<sup>2</sup>. Este trabalho objetiva investigar a produção cultural deste literato de Caetité, cidade que faz parte da região, denominada Alto Sertão da Bahia, lugar de muitas dificuldades financeiras e sociais, mas que é, também, um celeiro de produção cultural, como vemos, a partir da experiência cultural de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, que viveu durante o período de 1870 a 1930, tendo se tornado um amante da literatura e escritor poético-político. Justifico, então, esses estudos com suporte teórico-metodológico da História da Leitura, da História Cultural e da História das Culturas do Escrito.

Destaco que a escolha do objeto de estudo partiu de iniciativas com projetos culturais, algumas em diálogo com minha trajetória pessoal e outras com a participação em trabalhos, utilizando fontes indicadoras de cultura do escrito. Trata-se de uma proposta de trabalho, que surgiu do projeto, Cultura Escrita no Alto Sertão da Bahia (fim do século XIX e início do XX)<sup>3</sup>, do Programa de Iniciação Científica (IC), que também se vincula ao trabalho do Grupo de Pesquisa sobre Cultura Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), através do apoio do projeto de orientação, que se encontra em estudos de doutorado e que tem diálogo com o Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GHEPE),

---

<sup>1</sup> José Antônio Gomes Neto, mais conhecido como o Barão de Caetité, nasceu em 1822 e faleceu em 1890. Um dos maiores donos de terras da Bahia no século XIX. Tinha muitas fazendas e escravos pelos arredores de Caetité. Foi deputado pelo Partido Liberal e formou-se em Direito no Recife, como era bastante influente nos negócios do Império recebeu título de barão em 1880. Assumiu, em 1846, a função de juiz em Caetité. Casou-se com Elvira Benedita de Albuquerque, filha do comendador João Caetano de Albuquerque. Em 1880, recebeu a comenda da Imperial Ordem da Rosa e depois o baronato, exercendo a função de líder político na região.

<sup>2</sup> Caetité é um município brasileiro do estado da Bahia, localizado no Alto Sertão baiano, microrregião do Sertão Produtivo, a cerca de 645 km da capital do estado.

<sup>3</sup> De autoria da professora Ma. Zélia Malheiro Marques, este projeto está vinculado ao subprojeto, Cultura Escrita no Alto Sertão da Bahia (fim do século XIX e início do XX): a produção cultural de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, o qual desenvolvi, como bolsista voluntária de Iniciação Científica, durante o período que compreendeu Agosto de 2018 a Julho de 2019, com acompanhamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG/UNEB).

com suporte aos trabalhos de Galvão (2007), ao lado de muitos outros estudos sobre cultura do escrito. Também tem relação com os trabalhos regionais de pesquisa histórica, muitos cadastrados no Grupo de Pesquisa Sociedade, Cultura e Linguagem (GPCSL/CNPq)<sup>4</sup>.

Em contato com esses trabalhos e também com a vivência da Crítica Textual<sup>5</sup>, cheguei, portanto, a um breve conhecimento do que foi produzido por Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, vendo tratar-se de um trabalho ainda inexplorado, necessitando de conhecimento, tanto do cenário universitário local, quanto da comunidade caetiteense, em geral, tendo em vista que, recentemente seus escritos começaram a ser catalogados, embora, noutras palavras, posso dizer tratar-se de uma análise inédita.

Assim, este estudo está situado num recorte temporal, entre o fim do século XIX e início do XX, época em que, no Brasil, na Bahia e, também, na região, houve o desenvolvimento de importantes experiências educacionais, culturais e sociais de maneira geral, favorecendo a participação nas culturas do escrito. Segundo Galvão e Oliveira (2007), estas experiências possibilitaram a investigação das formas de participação na cultura do escrito inclusive de sujeitos com dificuldades financeiras e não herdeiros de capital cultural da escrita, mas que conviviam e mantinham relações em torno do escrito, participando da cultura letrada.

Desta forma, tais pesquisas agregam um emaranhado de estudos recentes que evidenciam cidadãos comuns com poucos recursos econômicos, e outros que conseguiram se estabilizar em condições de vida diferenciada da maioria da população regional que não detinha de recursos maiores. Mais especificamente, nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, na cidade de Caetité – BA, período em que, muitas eram as dificuldades socioculturais, observo uma participação significativa na cultura escrita, fazendo-me pensar na relação entre as diversas culturas: quem conseguiu a escolaridade e a utilizou através de criação de

---

<sup>4</sup> O Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL) propõe-se a articular o entrelaçamento de diversas áreas do saber, com intuito de atender às necessidades de investigação de docentes, discentes e técnicos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus VI – Caetité/BA, outros campi e universidades parceiras. Visa promoção de projetos e pesquisas acadêmicas vinculadas ao contexto histórico, político e sociocultural do Alto Sertão baiano e outros espaços territoriais.

<sup>5</sup> Estuda textos, manuscritos, numa perspectiva filológica, com foco para as teorias e edições textuais, considerando-as como instrumento de análise linguística e literária. Nesse período, em 2017, o componente curricular foi ministrado pela professora Maria Angélica Fernandes Rocha.

produções culturais estiveram sempre na comunicação de uma cultura letrada? As manifestações da cultura da oralidade estiveram em produções desenvolvidas por intelectuais da época?

Com essas e outras questões, localizo estudos como o da professora Joseni Pereira Meira Reis (2010), observando seu destaque às instâncias formadoras que influenciaram a participação de João Gumes (Caetité – BA) na cultura escrita. Em processo de divulgação da participação do escrito, encontro os estudos do professor Marcos Profeta Ribeiro (2009), que vem evidenciar práticas de escrita de Celsina Teixeira (Caetité – BA), analisando as funções desempenhadas por mulheres elitizadas, da época, além de observar o aspecto político tão presente nas cartas.

Com pioneirismo em estudos regionais com fontes históricas, merece destaque os estudos da professora Maria de Fátima Pires (2007), que, em sua tese, *Fios da Vida: tráfico interprovincial e alforrias nos sertões de cima. Rio de Contas e Caetité-BA (1860-1920)*, vem descortinar a questão do tráfico interprovincial de escravos, de Rio de Contas e de Caetité, no Alto Sertão da Bahia, para as províncias do Centro-Sul do Brasil. Também, o professor Erivaldo Fagundes Neves (1998), que pesquisou a referida região, trazendo importantes contribuições para ampliar a discussão sobre o processo de formação e ocupação dessas terras do Alto Sertão baiano.

No tocante às pesquisas arquivísticas, que vêm ganhando espaço, cada vez maior, nos últimos anos, ressalto Aguiar (2008, 2011, 2010), colaboradora deste trabalho e professora do curso de História da UNEB/Campus VI, que coordenou o organização do arquivo da família do Barão de Caetité (séc. XVIII - XX), avô de Lima Junior. Também a tese da professora, Esmeralda Guimarães Meira (2017), intitulada, “O arquivista de Si: história e memória do escritor Camillo de Jesus Lima”, que analisou a formação e a atuação desse intelectual, em seu tempo e lugar, discutindo como memória e história se relacionam no referido arquivo e quais contribuições teve esse autor no aspecto literário e histórico brasileiro do século XX. Além desses trabalhos, há outros como Santos (2010)<sup>6</sup>, Nogueira (2010)<sup>7</sup>, que, de

---

<sup>6</sup> Discute as relações sociais, políticas e culturais estabelecidas pelas elites locais caetiteenses no contexto da modernização do alto sertão, nas primeiras décadas do período republicano.

uma forma mais direta ou indireta se relacionam com a discussão que realizo nesta pesquisa. Esses estudos regionais apresentam aspectos diversos do contexto sociocultural que são instigadores ao aprofundamento de descobertas na região.

Com esses referenciais, justifico a necessidade de dar visibilidade à função de outras instâncias, além da escolar, conforme acena Galvão (2007), que vem fazer a defesa em prol de estudos históricos, não só de objetos ligados diretamente ao ambiente escolar, mas também dos que ampliam esse cenário, dando relevo às discussões sobre sujeitos, leitura e escrita. Assim sendo, este trabalho monográfico propôs questões de partida: qual a participação de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior nas culturas do escrito entre o fim do século XIX e início do XX no Alto Sertão da Bahia? Quais produções literárias foram elaboradas por ele? Quais principais temáticas?

Para respondê-las, entre fontes históricas identificadas no acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC) e estudos teóricos, a exemplo do de Juliana Melo (2008), que analisou como um indivíduo advindo de um círculo familiar privilegiado se apoderou das culturas do escrito, fui tentando compreender essa ideia de fontes da cultura do escrito, sendo, também, uma produção que é indicadora do diálogo com a cultura da oralidade, como se observa nos estudos da cultura do escrito. Ao que parece, essa é uma situação presente, também, na região do Alto Sertão, cenário desta pesquisa.

Reflijo com a autora, Juliana Melo (2008), que as práticas letradas da instância familiar foram responsáveis pela participação desses sujeitos, que produziram diversos escritos, também, as relações sociais estabelecidas foram formando uma rede de sociabilidade, indicando lugares frequentados e que atraíam novos participantes. Embora esses trabalhos já venham sinalizando a participação da cultura do escrito, em diversas áreas, observo na proposta que apresento, a singularidade da produção escrita de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, o qual poderia denominá-lo de leitor-escritor por ser produtor de cultura do escrito. Produziu manuscritos tais como: cadernos de anotações literárias, poemas, cartas, discursos

---

<sup>7</sup> Investiga as relações de gênero, descrevendo as experiências e vivências, mais especificamente das mulheres, no Alto Sertão baiano, analisando as permanências ou mudanças do processo histórico nas primeiras décadas do século XX.

de formatura, entre outros, acervo pertencente ao APMC, onde consultei os documentos para a realização desta pesquisa.

Entre diversas fontes escritas, insiro este estudo, em linhas teóricas da História Cultural e da História das Culturas do Escrito e, sendo pesquisa documental, mapeei a produção escrita do autor, formada, em sua maioria, como já destaquei, por poemas, mas tendo, também cartas, e outros documentos.

Com pressupostos teóricos vinculados à leitura e à escrita, procuramos entender o processo de produção cultural do leitor-autor, observando sua experiência a partir do uso, não somente da cultura impressa, mas também de sua integração com outras culturas, cuja presença na região era bem forte, a exemplo das experiências com a oralidade, tendo uma população marcada pelo analfabetismo.

Estudos, como os de Chartier (2001), Galvão (2007), Abreu (2007), Bosi (1994), Halbwachs (1990), Lacerda (2003), Olson & Torrance (1995), Darnton (1992), dentre outros que discutem conceitos, como práticas de leitura, do leitor e da escrita e das culturas do escrito ajudaram na discussão sobre processo de construção da produção cultural do leitor/escritor, na temporalidade do trabalho, observando a extensão da pesquisa pela criação de instâncias de educação, tanto as públicas, quanto as particulares.

No processo de desenvolvimento da pesquisa documental fez-se necessário descrever e analisar a produção escrita de Lima Junior, resultante de sua atuação em instâncias educativas e culturais, indicadoras das culturas do escrito.

Como objetivos específicos, buscou-se traçar trajetória pessoal e social do caetiteense, Lima Junior; mapear sua produção escrita, descrevê-la e analisar, observando quais práticas do leitor/escritor e quais instâncias educativas aparecem através de sua trajetória pessoal e social.

O rico arquivo de Lima Junior, cedido pelo Sr. Haroldo Lima, tataraneto do Barão de Caetité, já catalogado, que compreende os anos finais do século XIX até meados do século XX, se encontra acondicionado em caixas-arquivo, envolto em papel neutro. É composto por documentos oficiais, pessoais, referente a estado civil, concessões de cargos políticos, em que local se casou, quantidade de filhos, declarações, manuscritos contendo informações sobre matrículas e frequência de alunos da Escola Normal de Caetité, anotações sobre vendas de gados e arrolamentos.

Sua produção escrita constitui-se de manuscritos com referência a fundação do “Clube Literário Castro Alves”, estatuto, cartas, discursos de formatura, cartões de visita, quatro cadernos de anotações literárias, (Anexo A), onde se encontra um acróstico de sua autoria, poemas transcritos de autores, em sua maioria, pertencentes ao Romantismo. Há um caderno de anotações literárias, menor, que não está em bom estado de conservação, comparando aos demais. É composto por poemas transcritos por Lima Junior. Há ainda, dois cadernos de anotações literárias, intitulados “Florilégio”, um com a data de 1888, e outro com a data de 1896. E outro caderno de anotações literárias com o título de “Paginas Ligeiras”, datado de 1890.

O “Clube Literário Castro Alves” (1894) e os poemas de autoria do leitor-escritor constituíram as fontes principais da pesquisa.

Como fontes complementares buscamos a produção escrita de Lima Junior, documentos do APMC, entre cartas, manuscritos diversos, atas do Poder Legislativo municipal, entre outros.

Mediante essa descrição, este trabalho está organizado em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Num primeiro momento, discute-se o percurso itinerário do caetiteense, Lima Junior, e de como se deu sua participação nas culturas do escrito entre o fim do século XIX e início do século XX, no Alto Sertão baiano, a partir dos aspectos políticos, econômicos e sociais. Na sequência, apresenta-se a descrição e análise da produção literária de Lima Junior. Na terceira parte, apresentam-se os modos de participação de Lima Junior na cultura escrita.

Esta pesquisa buscou conhecer, mapear, organizar e descrever a produção cultural do leitor/escritor e político que possui diversificado acervo ainda não divulgado em uma rede de sociabilidade maior. Por isso, vem contribuir para tirar da invisibilidade uma importante produção cultural expressa pelas práticas de leitura e de escrita que entrelaçam com a cultura da oralidade regional, que é representativa da parte maior da população, a qual foi se incorporando ao processo, pela participação, nas instâncias educativas e culturais, tanto as formais, quanto as não formais.

## **1. A ITINERÂNCIA DO INTELLECTUAL E SERTANEJO JOAQUIM MANOEL RODRIGUES LIMA JUNIOR**

Foi proposta neste trabalho entender a forma como se deu a participação de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior nas culturas do escrito entre o fim do século XIX e início do século XX no Alto Sertão da Bahia. Para isso, importante compreender, também, quais instâncias educativas o leitor/autor em estudo, vindo de uma família que já possuía certo nível de participação na cultura escrita entre o fim século XIX e o início do XX, esteve como agente integrante através de suas produções.

Antes, resalto sua itinerância, observando que Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior é descendente de uma família de elite, detentora de grande capital econômico, proprietária de terras, no sertão baiano, construiu e manteve boas redes de sociabilidade, como identifico na vivência de instâncias pessoais e sociais: família, escola, trabalho, clube literário, teatro e outros espaços da cidade e de lugares visitados pelas muitas viagens realizadas, dentre outras que contribuíram e possibilitaram a ampliação da participação de Lima Junior na cultura do escrito.

Para esse entendimento, a consulta a documentos do APMC, manuscritos do literato sertanejo, Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, vem me revelar suas produções literárias, de cunho poético, político e social, trabalho este, constituindo-se de um material inédito, conforme já foi mencionado, produzido em fins do século XIX e início do século XX.

Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, mais conhecido como coronel Lima Junior, é caetiteense, nasceu em 1870 e foi batizado pelos seus avós maternos. Foi o primeiro neto de José Antônio Gomes Neto, mais conhecido como o Barão de Caetité, (1822-1890). Para compreender melhor o desenvolvimento cultural de Lima Junior, retorno à caracterização de sua descendência, a qual é originária de grandes senhores de terras do estado da Bahia no século XIX. Com muitas fazendas e escravos pelos arredores de Caetité, o Barão de Caetité, avô de Lima Junior, foi deputado pelo Partido Liberal, estudou em Recife, onde se formou em Direito em 1846. Em 1880, foi quando recebeu título de barão, pois mantinha uma participação bastante ativa nas negociações do Império, e a comenda da Imperial Ordem da Rosa e depois o baronato, exercendo a liderança política na região.

Lima Junior, que era como ele grafava sua assinatura, ao fim de suas cartas, de seus poemas e documentos, era filho de Joaquim Manoel Rodrigues Lima, mais conhecido como Rodrigues Lima, médico, intendente municipal e primeiro governador eleito da Bahia (1892-1896), e Maria Victória de Albuquerque Gomes Rodrigues Lima, apelidada de Yayá. Casou-se com Alzira Teixeira Spínola Rodrigues Lima e tiveram seis filhos. Sua esposa era filha do médico, fazendeiro, rico comerciante e influente político do alto sertão, Dr. Deocleciano Pires Teixeira<sup>8</sup>, irmã do educador e escritor, Anísio Teixeira.

Diante de uma breve consulta ao inventário preliminar do arquivo da família do Barão de Caetité, disponibilizado pela professora Lielva Azevedo Aguiar, na busca da formação escolar de Lima Junior, tem-se a informação de que ele não chegou a cursar o ensino superior, como seus irmãos, como por exemplo, Bráulio Rodrigues Lima que se formou em Direito, no entanto, fez o ensino secundário (ensino médio), em Salvador, e matriculou-se no curso de latim, ministrado por Antônio Gumes, em 1884.

Assim, como seu avô, seu pai, Rodrigues Lima e seu tio, Antônio Rodrigues Lima, médico e político, fundador da primeira Maternidade-Escola do Brasil (fundada em 1904), também, deram continuidade as experiências de vida pertencente à aristocracia rural baiana em ligação com a vida política das diversas instâncias de poder. Através de pesquisas realizadas no APMC, constata-se que, ele cuidava da administração das fazendas da família, e como possuía um grande vínculo com as questões agrárias, que sustenta o poder privado, e era um grande atuante na política local, juntamente com seu tio, recebeu condecoração de patente de coronel, desempenhando grande influência política na região.

Em 1899, a Junta Apuradora do município de Caetité o reconhece como Intendente Municipal, (prefeito, como é conhecido), e em 1901, foi diretor e professor das disciplinas de Geografia e História da primeira Escola Normal da cidade de Caetité, um centro de formação de professores, onde sua esposa, Alzira, era professora de prendas domésticas.

---

<sup>8</sup> Preservam-se, no Arquivo Público Municipal de Caetité, diversas correspondências da família de Deocleciano Pires Teixeira. Parte da documentação refere-se a negócios de algodão do Alto Sertão. APMC. Fundo: acervo particular da família de Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Diversos. Série: Telegramas diversos. Data limite: 1844-1978. Cx. 01.

Por meio de consulta a documentos pessoais no APMC, é possível notar que era um leitor assíduo, possuía livros e fazia muitas leituras em jornais que recebia da região e de outras cidades, que, em sua maioria, mantêm-se preservados. Além do mais, Lima Junior mantinha uma relação bastante intrínseca com a escrita, o que se evidencia pelos seus manuscritos. Importante ressaltar que este intelectual e sertanejo é conhecido, até então, somente pelos seus feitos políticos. Entretanto, tais registros apresentam uma singularidade da sua produção escrita de valor histórico inestimável, até então desconhecida. Apreciador de poesias, romances e da arte de escrever, deixou um grande patrimônio imaterial; uma produção literária, representativa da época, a qual é objeto deste trabalho.

### 1.1 ALTO SERTÃO DA BAHIA: CENÁRIO DA PESQUISA

O Alto Sertão da Bahia é um vasto território sertanejo, marcado por limites imaginários. Por mais que estas demarcações não sejam precisas, o termo Alto Sertão carrega um significado histórico, político, econômico e sociocultural dos que viveram e colaboraram para a terminologia dessa terra. A região sertaneja do Médio São Francisco é “caracterizada pela morfologia da vegetação da Bahia” e “localiza-se entre a Serra Geral e a Chapada Diamantina”, na “posição relativa ao curso do rio São Francisco, na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes” (NEVES, 1998, p. 22).

Constitui-se em “[...] extensa região com particularidades nos seus aspectos físico, econômico, social e cultural” (PIRES, 2003, p. 19). É também chamada de “Sertão Produtivo, ou simplesmente Sudoeste Bahiano”. Nessa mesma linha de discussão, em Lima (2016), identifico os limites regionais:

[...] separavam os atuais estados da Bahia e Minas Gerais. E, se por um lado os limites imaginários não são tão convencionais como sugere um atlas, por outro expressam ricamente a carga histórica, cívica, política, econômica e cultural dos sertanejos que lhes conferiram esta nomenclatura, Alto Sertão. (LIMA, 2016, p. 17).

O Alto Sertão também pode ser compreendido, como acena Guimarães (2012), por “uma geografia esboçada pelos baixios e gerais, caatingas e cerrados, assim como pela diversidade de povoações, linguagens e manifestações culturais”



Na perspectiva de região imaginária, Estrela (2003) destaca a importância que se tem de discutir os fatores históricos, político-sociais e culturais, “mas sobretudo as percepções e o imaginário dos homens que a habitam” (ESTRELA, 2003, p. 37). Essa porção territorial sertaneja também é tratada por alguns autores de (sertões de cima), no intuito de referenciar o território que se localizava no alto, na parte de cima da Bahia, dando destaque ao Rio São Francisco.

Pires (2009) aborda em seu livro, “Fios da Vida: tráfico interprovincial e alforrias nos *sertoins de cima* - BA”, os aspectos geográficos, políticos, econômicos e socioculturais dessa região do Alto Sertão da Bahia entre os anos de 1860 a 1920. Inicialmente, a autora traz a visão imaginária e geográfica, demarcando a região sertaneja do alto sertão, discorre sobre o comércio de escravos em Caetité e Rio de Contas, contextualizando a escravidão local com o panorama histórico brasileiro. Em seguida, explana a passagem dos viajantes pela região, de forma mais detalhada, trazendo relatos sobre o comércio, agricultura, entre outros. No terceiro capítulo aborda a questão da manutenção dos escravos, mesmo após a abolição, ex-escravos, forros e libertos, as relações comunitárias, o cotidiano, entre outros aspectos culturais nos pequenos arraiais e vilas do sertão baiano. No último capítulo descreve o drama de um escravo que na condição de livre pela lei, porém preso a uma sociedade, com costumes e convenções da época, sobrevive e resiste, assim como também outros escravos e forros sertanejos.

Prado Júnior (1999), em seus estudos evidencia o Alto Sertão como um lugar de refúgio para índios, negros e mestiços que advindos do litoral, fugiam da escravidão. Uma vez que, essas terras sertanejas do Alto Sertão eram mais afastadas da capital, lugar mais propício para o refúgio desses povos e “escapos da justiça, que sobre eles pesava mais que sobre as outras categorias da população” (PRADO JÚNIOR, 1999, p. 113).

É de suma importância frisar que o Alto Sertão baiano era habitado por povos indígenas e, na segunda metade do século XVII, ocupado por Antônio Guedes de Brito. Santos (1997) acentua que “as terras dessa região foram alcançadas pelo movimento colonizador baiano” e teve em “Antônio Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte, seu maior representante, rivalizando com a Casa da Torre” (SANTOS, 1997, p. 17). As Casas da Torre e da Ponte foram propriedades de Francisco Dias D’Ávila e Guedes de Brito que eram grandes proprietários de terra, muito conhecidos por possuírem muitos currais de gado e por fornecerem animais

para diversas províncias sertanejas. De acordo com Pires (2003), “Caetité (grande centro distribuidor), Rio de Contas e Minas Novas tornaram-se polos ativos, através da cultura de subsistência e do gado” (PIRES, 2003, p. 40).

Nesse período, pode-se identificar o povoamento e a ocupação econômica dessa região. Com as descobertas de minas de ouro e diamantes, principalmente, na região da Chapada Diamantina, aumentaram-se as rotas de comércio no século XIX, evidenciando que, até meados do século XX, o coronelismo estava muito presente nessas terras sertanejas, “áreas em que a ‘ordem’ instituída era a dos coronéis” (IBGE, 2009, p. 11-12).

A produção cultural de Lima Junior é resultante dessa integração de povos de culturas diferentes, tendo nele e na família que o identifica uma cultura de elite que se associa às experiências de povos, como os primeiros habitantes, os indígenas.

O trabalho de preservação documental realizado pelo APMC veio indicar que o Arquivo da Família do Barão de Caetité é revelador de muitos aspectos da história. Além das relações familiares, observa-se os aspectos políticos, de apadrinhamentos, de servidão, entre outros. Lima Junior, por exemplo, era coronel, conforme já citado, mais conhecido como grande influente político, que administrava as fazendas da família. Através de seu casamento, integrou-se à família Teixeira, também de influência na sociedade.

Tornou-se um grande literato que desenvolveu participação ativa na cultura escrita, conforme quadro 1. Importante destacar que as várias viagens e leituras realizadas por Lima Junior o possibilitavam conhecer diversos mundos, e podem ser consideradas instâncias formativas da sua participação nas culturas do escrito, na cidade de Caetité, localizada no Alto Sertão da Bahia, local em apresentação, neste trabalho e em muitos outros que mapeamos para observação do que já se estudou e do que ainda precisa se estudar, considerando esse lugar como centro de articulação econômica e política.

Sobre a origem do nome Caetité, de acordo com Mendes (1996), a palavra é de origem indígena e vem do Tupi, a qual significa Mata da Pedra Grande (CAA-mata, ITA-pedra, ETÊ-grande). Antes do século XX, usou-se a grafia Caitaté ou Caiteté e Caeteté, após a criação da vila, foi modificada para grafia oficial, ou seja, Caetité.

A cidade situa-se na encosta da Serra do Espinhaço, na zona fisiográfica da Serra Geral, a sudoeste do estado da Bahia. Segundo Santos (1997), a freguesia de

Caetité pertencia a Vila de Nossa Senhora do Livramento e Minas do Rio das Contas (atual Rio de Contas), e só fora desmembrada em 1810. No ano de 1803 tem-se a criação da vila, que recebeu o nome de Villa Nova do Príncipe e Santana de Caetité, elevando à categoria de cidade, em 1867.

Durante o século XIX, Caetité mantinha um comércio ativo com outras cidades e com a capital, Salvador. As relações comerciais expandiram-se para o norte de Minas Gerais, e estas mantiveram até o começo do século XX. Nesta região desenvolvia-se as atividades de garimpo e mineração, juntamente com os currais de gado, a pecuária e os percursos de tropeiros. A cidade era ponto de colonização e de pouso para viajantes e bandeirantes que em busca de metais preciosos, ali se estabeleciam, originando as várias fazendas.

No século passado, percebe-se o enfraquecimento do comércio desses metais, como ouro, esmeralda, dando lugar à exploração de minério de ferro, extração de urânio e implantação de parques eólicos, o que tem atraído pessoas de várias regiões do Brasil, aumentando o fluxo de migrações.

O território de Caetité recebeu contribuições de vários povos de outras regiões da Bahia e de Minas Gerais. Para esta cidade vieram homens para trabalhar nas lavouras, aventureiros, intelectuais e inconfidentes. Esses grupos de pessoas transformaram Caetité em um lugar bastante agradável é como se fosse os costumes da Corte. Por isso, Caetité também ser conhecida como “Corte do Sertão”. Na chamada “Corte do Sertão” havia teatro amador, festas de Igreja, reuniões litero-musicais e dançantes e escolas. (GAMA, 2006, p. 4).

Gama (2006) destaca que a riqueza da cidade de Caetité não se restringia apenas nas minas, agricultura e criações de gado, os caetiteenses se preocupavam com a educação, a moral e os bons costumes, o que levou muitos a considerarem como “A Terra da Cultura”. O surgimento de escolas significava ascensão social, uma vez que a maioria dos filhos dos grandes senhores de terra foram estudar para se dedicarem à política e futuramente assumirem cargos públicos.

Nesse processo identitário é preciso seguir viagem, no sentido de garimpar, percebendo-se que “[...] aventuras de garimpagem dão, realmente, um prazer enorme. A garimpagem provoca emoção muito mais do que a posse do livro” (MINDLIN, 2007, p. 114). Dessa forma, esse trabalho é resultado de muitas itinerâncias nessas terras sertanejas.

Por meio dos estudos de Reis (2010), e de leitura de alguns trechos de jornais, a exemplo do jornal “A Penna”, fundado em 1897 por João Gumes (1858-

1930), caetiteense, redator, jornalista, entre outras funções, é possível constatar algumas transformações da cidade de Caetité que promoveram a circulação do escrito. Outro exemplo é o jornal espírita “Lux”, “fundado em 01/07/1914 em Caetité, possivelmente circulou até março de 1933”. “As matérias do periódico eram escritas por adeptos da doutrina que participavam do Centro, assim como por pessoas da região e de outros estados do Brasil.” (REIS, 2010, p.103-104).

Nas décadas finais do século XIX e início do XX o estabelecimento de espaços como o correio (1832), o surgimento do telégrafo desde 1896, a primeira Escola Normal (1898 – 1903) e a segunda Escola Normal (1926), a estação meteorológica (1908), o clube literário, a tipografia, o jornal “A Penna” (1897), o Teatro Centenário (1922), estavam de certa forma relacionados com a cultura escrita, e contribuíram para implementar e expandir a circulação das culturas do escrito na região.

Nos estudos de Santos (2010, p. 2), no início do século XX, “a elite intelectual caetiteense” ganha destaque. Os membros desse grupo “ocuparam-se do progresso econômico, político e social de sua região”. Muitos se formaram na Faculdade de Direito de Recife, em Pernambuco, na Faculdade de Medicina de Salvador, na Bahia, e em escolas de Letras da região, e alguns na condição de autodidatas procuraram se sobressair em meio a uma região com costumes e modos tradicionais de vida. Neves (1986, p. 55), afirma que Caetité “era conhecida em todos os lugares do sertão”. O autor sente-se fascinado, pois, acena que em “meio a um oceano de analfabetismo reinante, nossa cidade contava com várias escolas primárias, dois colégios, uma Escola Normal” (NEVES, 1986, p. 55). De fato, é de se admirar, existir tantas escolas e reinar sobre o analfabetismo. Além da escravidão que também reinou nessas terras. Nessa perspectiva:

Em meio a um oceano de analfabetismo reinante, Caetité então se distinguia? Apesar do registro de escolas primárias, colégios e de uma escola profissionalizante, frequentar os bancos de uma escola nos finais do século XIX e início do XX ainda era privilégio restrito, sobretudo aos enriquecidos. A existência das instituições de ensino naquela cidade refletiu anseios dos grupos mais favorecidos economicamente não devendo, portanto, ser interpretadas como benefícios desfrutados indiscriminadamente pela grande maioria da população (AGUIAR, 2010, p. 6).

Nota-se, portanto, que a historiadora faz uma crítica quanto ao progresso da cidade, pois ao que parece, esse progresso não favorecia as camadas mais pobres,

visto que era um privilégio restrito. Contudo, faz-se necessário enfatizar que além das escolas, a imprensa também era sinônimo de progresso, civilidade e intelectualidade, motivo de orgulho para a sociedade da época.

Em se tratando de circulação do escrito na cidade de Caetité, ao longo do século XIX, vale ressaltar a função que o correio exerceu nesse período, permitindo o acesso a informações, ideias e contato com as novidades dos grandes centros urbanos.

Entre os vários relatos de memorialistas sobre a história de Caetité, encontra-se a história do caetiteense, João Gumes, que além de proprietário do Jornal “A Penna”, que prestava serviço à população caetiteense e de toda região, foi um elitista autodidata, funcionário público e exerceu função de Secretário da Intendência Municipal. Sua tipografia foi uma grande conquista para Caetité nos fins do século XIX. Conforme Lima (2016), outro caetiteense que merece atenção é o educador e escritor, Anísio Teixeira, valorizado e reconhecido na história da educação no Brasil, responsável pela reabertura em 1926 da Escola Normal em Caetité e pelo projeto da Escola Parque em Salvador e defensor do ensino público gratuito, laico e obrigatório, entre outras atuações.

Mediante pesquisa nos escritos de Santos (1997) e Mendes (1996), é possível identificar outra instância que colaborou para circulação da cultura do escrito na região, a criação do Teatro Centenário em Caetité, grande marco histórico no campo artístico e cultural na cidade. Sua inauguração foi realizada no dia 07 de setembro de 1922, em homenagem aos 100 anos da Independência do Brasil, daí a denominação de Teatro Centenário. Nessa década havia apresentações pelas ruas, com palcos improvisados, sendo o do militar Bramon o mais antigo. O cinema que passava com mais frequência pela cidade era o “Cinema Iris”, da propriedade do Sr. Silvestre Mesquita, e despertava a curiosidade de seu público. Infelizmente, esse monumento de precioso valor, como ressaltava Marques (2009), “agora é visto, apenas, pelas fotos. Outrora, em meados do século vinte, já foi lugar cultural em que se fizeram possíveis as práticas de leituras pelo ato de representar, produzir, encenar peças teatrais e a elas assistir” (MARQUES, 2009, p. 45).

Nesse sentido, através da análise das fontes disponíveis entende-se que Caetité possui um acervo cultural de valor inestimável, que necessita de leitura tanto pelas narrativas, quanto pela arquitetura de traços coloniais. Assim, compreende-se que a pesquisa histórica na região do Alto Sertão da Bahia vem revelando a grande

influência desse lugar na vida econômica, social, política e cultural da Bahia. E a maior parte dessas pesquisas têm sido possíveis pelo trabalho de preservação de documentos realizado pelo APMC e pelo trabalho de preservação patrimonial e cultural da cidade que o Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB) realiza.

## 1.2 INSTÂNCIAS FORMATIVAS QUE COLABORARAM PARA A PARTICIPAÇÃO DE LIMA JUNIOR NA CULTURA ESCRITA

Esta pesquisa parte do princípio de que esta região, assim como outras, está inserida num desenvolvimento social, o qual é gerenciador de formas de sociabilidade, garantindo diálogo entre o particular e o global. Nessa temporalidade da pesquisa, entre o fim do século XIX e o início do século XX, identifiquei as instâncias formativas que influenciaram a participação de Lima Junior na cultura escrita.

Na concepção de Galvão (2009, p. 1) conceituar cultura escrita não é uma tarefa simples, pois sua definição implica algumas consequências, umas delas é o fato de a cultura escrita não ser homogênea. Nesse sentido, a autora afirma que os trabalhos realizados têm preferido usar o termo “culturas do escrito”, pois este expressa que não há um único espaço para o escrito em uma sociedade ou grupo social, visto que o mundo da escrita não se restringe apenas às práticas letradas como “habilidade de escrever”. Assim, o conceito deve conceber “todo evento ou prática que tenha como mediação a palavra escrita”, a “dependência das necessidades e funções do contexto de uso e de aprendizagem” (GALVÃO, 2009). Dessa forma, entende-se que existem várias culturas escritas que englobam outros processos, como os modos de inserção não-escolares, os manuscritos e a oralidade como dimensões constitutivas da cultura escrita no Brasil (GALVÃO, 2007, p. 9). Apesar do termo “culturas do escrito” ser mais adequado, verifica-se que a expressão “cultura escrita” é mais utilizada em trabalhos acadêmicos.

Propôs-se, neste trabalho, perceber o leitor-escritor, Lima Junior, em várias perspectivas de análise, no seu meio, observando as redes de relações que estabeleceu com a família e com outros âmbitos de circulação e convívio social, o que possibilita estudar diversos aspectos entre suas singularidades e perspectiva global.

Através de consulta a documentos pessoais de Lima Junior no APMC, nota-se que ele realizava muitas viagens, sobretudo na capital da Bahia, onde foi fazer o ensino secundário (ensino médio), informação esta se encontra em uma de suas cartas enviadas a seu amigo Hermelino, em 1901, na qual lamenta não poder ajudá-lo, pois não se encontrava em Caetité. Além das cartas que o tio enviava à família do caetiteense, comentando sobre os estudos de seu sobrinho em Salvador. Essas viagens o permitiram adquirir saberes e colaboraram para sua formação e participação nas culturas do escrito.

O quadro a seguir busca apresentar e descrever a produção de Lima Junior, entre o fim do século XIX e o início do XX, resultante de sua atuação em instâncias como agente integrador da cultura social.

**QUADRO 1** – Participação de Lima Junior nas culturas do escrito: práticas de leitura e de escrita

INSTÂNCIAS	DESCRIÇÃO
Família	O autor em estudo é oriundo de família do Barão de Caetité; família de elite; mantinha relações com a cultura letrada.
Escola	Ensino secundário (ensino médio)
Biblioteca Pessoal	Possuía impressos (livros e jornais) e manuscritos (transcrições de seus próprios poemas) e de outros autores, em sua maioria, relacionados, ao estilo romântico, organizando-os, conforme as diversas gerações: como exemplo para a segunda geração romântica, o fragmento do poema “Mocidade” de Casimiro de Abreu e para a terceira, trechos do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves.
Movimentos de educação e cultura popular	Criou o “Clube Literário Castro Alves” em 1894. Há vestígios de que se fazia apresentação de saraus literários.
Correio	Sempre escrevia e recebia telegramas, cartas da família e documentos diversos, muitos relacionados à concessão de cargos políticos.
Imprensa	Recebia jornais locais e da região (o “Jornal de Notícias” e o “A Penna”) dentre outros, como demonstram os recortes de poemas presentes nestes jornais, colando os poemas em seu caderno de anotações literárias.

**Fonte:** MARINHO; CARVALHO (2010, p. 228). (Adaptado).

Para Galvão (2010), a família e a escola podem ser consideradas como a primeira “instância ou instituição” que viabiliza a circulação do escrito. Embora, ressalva que há outros espaços que permitem tal circulação.

Nesse pensar, compreende-se que as instâncias são indicadoras das culturas do escrito da qual Lima Junior fazia parte. Oriundo de família de elite que detinha recursos financeiros suficientes para enviá-lo à capital baiana a fim de dar continuidade aos estudos, Lima Junior, sempre manteve contato com a cultura letrada tanto em sua cidade natal, Caetité, como também em lugares que visitava.

Fez o ensino secundário (ensino médio), na cidade de Salvador, e o curso de latim em 1884. É curioso que, nas cartas que o tio enviava a família, há o relato de que Lima Junior, quando ainda jovem, não gostava muito de estudar. No entanto, com o passar dos anos, foi se apropriando dos impressos, escrevia cartas, poemas e recebia telegramas, diversas correspondências de representantes e encarregados do governo do estado da Bahia.

Como sua família já estava inserida na cultura letrada, Lima Junior cresceu em um ambiente que o possibilitou investir em livros, criando uma biblioteca pessoal, movendo-se em prol da educação e da cultura popular. Em 1894, criou o “Clube Literário Castro Alves”, (Anexo B), o qual, de acordo com pesquisas, foi um dos primeiros clubes literários na região sertaneja, e organizou um grupo de cidadãos caetiteenses para serem membros desse clube. Criou-se um estatuto, conforme (Anexo C), no qual se dizia que o número de membros do clube era ilimitado, sendo representado e dirigido por um Conselho Diretório, formado por um presidente, um vice-presidente, primeiro e segundo secretários, um tesoureiro e cinco diretores.

Mediante manuscrito que discorre sobre a criação do “Clube Literário Castro Alves”, Lima Junior descreve que a criação desse clube

é mais um raio de luz que alcançamos da civilização; e do atrazo mais uma cadeia que fazemos em pedaços”. “Todas cidades civilizadas tem sociedades literárias, que, grandemente influem no seu adiantamento, alimentando o gosto pelas letras e d’est’arte concorrendo para a difusão da instrução [...]”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Optamos por manter a grafia dos documentos.

Ao pensar a presença desses espaços destinados à leitura compreende-se que estes representavam uma forma de progresso para a cidade. Segundo Maurice Agulhon (1989, apud REIS, 2010, p. 80), as mudanças provocadas pelas ideias iluministas na França propiciaram a ampliação de sociedades literárias, isto é, “uma associação voluntária de homens que se conhecem, se escolhem e se organizam para terem juntos um lugar onde possam comentar e ler publicações, dividindo as despesas [...]”. (AGULHON, 1989, p. 54 apud REIS, 2010, p. 80).

Assim, entende-se que o conhecimento antes aprisionado, agora seguia os rumos da liberdade através das letras, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural e ampliando o acesso ao público, a indivíduos das camadas menos favorecidas, em espaços de leitura, conforme consta no mesmo manuscrito escrito por Lima Junior:

As vantagens da sociedade que hoje inauguramos não farão esperar, estarão patentes diariamente aos olhos do publico. E podemos, conforme a animação, os auxilios que recebermos, fundarmos uma casa [...] onde encontrarão conforto<sup>11</sup>.

Deste modo, compreende-se que essa parcela da população, em posição inferior da escala social, mas detentora da cultura da oralidade, foi, aos poucos, se apropriando da cultura escrita, ou seja, “a elite analfabeta que no Brasil escutava, em saraus e reuniões familiares, a leitura de romances e poemas, o que era muito freqüente até o início deste século” (GALVÃO, 2000, p. 160). Darnton (1992) destaca que a “maioria das pessoas através da maior parte da história, os livros tiveram mais ouvintes que leitores. Foram mais ouvidos que lidos” (DARNTON, 1992, p. 216).

Teóricos contemporâneos nos ajudam a pensar a relevância das diversas leituras, não somente as impressas, demonstrando-nos que, desde os primórdios da história humana, o homem sempre foi um portador da comunicação. “[...] Contar histórias é, portanto, parte de uma tradição repassada de boca em boca, que ilustra fatos, modos, comportamentos e divertimentos” (LACERDA, 2003, p. 130).

Nesse ponto de vista, Chartier (2001), estabelece que “a leitura em voz alta permite o ingresso dos mal-alfabetizados ou dos analfabetos no mundo da cultura do

---

<sup>11</sup> Trecho do manuscrito que descreve sobre a criação do Clube Literário Castro Alves (1894).

escrito” (Chartier, 2001, p. 86). Portanto, esse círculo de sociabilidade não se limitava somente às pessoas que tinham proximidade com a cultura letrada.

Nessa acepção, durante o fim do século XIX e início do XX, além de clube literário, verifica-se também a existência de algumas bibliotecas, como a da Escola Normal, de tipografia, como a tipografia A Penna, entre outros espaços que promoveram a prática leitora, bem como a circulação do escrito em Caetité e região.

Reis (2010) reforça a ideia de que existiu uma comunidade de leitores caetiteenses e infere-se que havia materiais de leitura, como romances, poemas, entre outros materiais nos ambientes familiares em meados do século XIX, principalmente quem tinha filhos que estudavam, ou ainda, aqueles cidadãos que detinham a posse de livros e possuíam espaços ou gabinetes de leitura particulares, e desejavam ter status e reconhecimento. Embora, muitos desses espaços fossem privados, existia a circulação de periódicos, a troca de livros entre viajantes e moradores da cidade que iam à capital baiana. Sendo assim, a existência de bibliotecas na cidade de Caetité, algumas particulares, outras institucionais, nos revela que de algum modo existiu circulação do escrito na cidade.

Indícios apontam que no Clube Literário existiu uma biblioteca que era aberta ao público, porém não se sabe até quando esteve em funcionamento. Nas Atas do poder Legislativo há registros de que o clube realizava sessões literárias:

[...] foi lida uma petição dos directores do club caetiteense, fundado nesta cidade pedindo ordem para a transferência para a sede do mesmo Club da bibliotheca que presentemente se encontra em um dos salões do paço Municipal, comprometendo-se os peticionários a tratar com o maximo cuidado os livros recebidos, zelando por sua conservação; catalogarem e darem recibo; promoverem o recebimento dos que acharem extraviados, augmentarem, finalmente cada vez mais, o seu número, afim de que, caso o club venha a extinguir-se, possa a Bibliotheca ser devolvida ao município consideravelmente augmentada. Atendida a transferência todas as obras deverão ser assinadas pela directoria. (Ata de 09/04/1922, p. 366).

No acervo de Lima Junior, há também uma carta escrita, em 7 de outubro de 1894, por Costa e Silva aos “ilustres cidadãos” do Clube Literário; antes frequentado por “homens das letras”, das classes mais privilegiadas, discorrendo sobre a grande importância da criação do Clube Literário e de quão grandiosa foi essa ideia. Isso revela o importante papel que o clube exerceu, sendo este, sinônimo de progresso, em meio a tantas dificuldades e desigualdades socioeconômicas numa cidade do interior da Bahia.

Galvão e Silva (2008, p. 3) destacam que a leitura e a escrita não se limitam e “os valores que a leitura e escrita recebem em determinado espaço e tempo somente podem ser dimensionados quando compreendemos as relações de poder” num contexto. Sendo assim, pode-se considerar que Lima Junior atribuiu um “poder intrínseco ao dispositivo escritural” (HÉBRARD, 2007, p. 90).

Nesse sentido, a leitura e a escrita exercem um papel social importantíssimo de informar aos mais jovens, aspectos históricos e socioculturais de uma época, de um local ou de um indivíduo. Além de mostrar os valores e costumes da época, assumindo o papel de contribuir com o patrimônio histórico-literário.

O leitor-escritor, Lima Junior, lia, escrevia e recebia cartas. Conforme já foi dito, produziu um amplo registro de comprovação da cultura do escrito. Portanto, tornou-se um grande leitor, o que se comprova pelos livros restantes de sua biblioteca, além dos jornais que recebia de diferentes cidades do Brasil, a exemplo do Jornal de Notícias, em sua maioria, assinados por Lima Junior, uma vez que ele tinha uma preocupação em demarcar seus materiais de estudos. Além disso, tinha vocação e grande apreço pela poesia e pela escrita, como se observa por meio da sua documentação.

O fragmento abaixo retirado do caderno de anotações literárias, intitulado “Florilégio”, com a data de 1896, é exemplo de muitos outros que compõem o caderno pertencente a Lima Junior. Com isso, fica evidente seu gosto pela poesia romântica brasileira:

Amam-vos! — disse Deus criando o mundo,  
Amamos! — disse Adão no paraíso,  
Amor! — murmura o mar nos seus queixumes,  
Amor! — repete a terra num sorriso!

Casimiro de Abreu

Casimiro de Abreu foi um grande poeta brasileiro da segunda geração romântica. Tornou-se um dos poetas mais populares do período romântico. No poema *Mocidade* de Casimiro de Abreu, escrito em setembro de 1858, publicado no livro *As primaveras* (1859), o eu-lírico expõe que o sentido da vida é amar, a importância do amor e de amar para uma pessoa que vive amargurada, perdida na tristeza, e que não pode se importar com o mundo repleto de invejas e coisas ruins, mas se ater em apenas ser feliz.

Lima Junior também tinha grande admiração pelo poeta, Castro Alves, o que se evidencia pelas transcrições, em seu caderno de anotações literárias, de diversos poemas do poeta, como o poema “Navio Negreiro”, e pela escolha do nome do clube que fundou; “Clube Literário Castro Alves”. Mais conhecido como “poeta dos escravos”, Castro Alves, foi um dos maiores representantes da terceira geração romântica no Brasil (1870 a 1880). Essa geração é caracterizada pela poesia de cunho social e libertária. Os poetas dessa geração denunciavam as condições de escravidão que muitos viviam naquela época, escrevendo poemas com ideais de liberdade, igualdade e justiça.

Através da documentação de Lima Junior, constata-se que havia uma organização com seus materiais de estudo e suas produções. Nos jornais que recebia, onde houvesse notícias e poemas que lhe interessava, fazia recortes e colava-os em seus cadernos de anotações literárias (Anexo D).

## **2. DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE LIMA JUNIOR (FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX)**

A análise das fontes disponíveis foi significativa para o estudo das práticas de leitura, do leitor e da escrita e das culturas do escrito no Alto Sertão baiano, entre o fim do século XIX e início do XX.

A produção literária de Lima Junior compõe-se de manuscritos com referência a fundação do “Clube Literário Castro Alves”, quatro cadernos de anotações literárias, onde se encontra um acróstico de sua autoria, poemas transcritos, em sua maioria, de poetas do Romantismo. Encontra-se um caderno de anotações literárias, menor, já com capa e folhas se soltando, mas possível de leitura. Este é composto por poemas transcritos por Lima Junior. Há dois cadernos de anotações literárias, intitulados “Florilégio”, um com a data de 1888, e outro com a data de 1896. E outro caderno de anotações literárias com o título de “Paginas Ligeiras”, com a data de 1890.

Para Chartier (1990):

[...] todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção

inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”. (CHARTIER, 1990, p. 62-63)

Outros teóricos como Olson & Torrance (1995), dentre outros que discutem conceitos como leitura, leitor, memória e cultura escrita estão para pensar a discussão sobre o processo de constituição leitora que, no século XIX, se reconhecia a partir da cultura do escrito. “[...] A escrita é uma ampliação da contextualização iniciada pela Grécia clássica.” (OLSON, D. & TORRANCE, N., 1995, p. 9).

Na maioria das vezes, a escrita é vista como um instrumento de poder, com certo valor simbólico, segundo Bourdieu (2007), que passa a assumir um lugar de destaque, de prestígio.

Entre modos de publicação, comunicação e recepção da palavra escrita em constantes modificações, faz-se necessário maior envolvimento com esses estudos para prosseguir com os desafios desta pesquisa, entrelaçando-a, conforme a necessidade do trabalho.

É importante ressaltar também que a escrita e a leitura aparecem imbricadas com a memória, pois esta nos permite fazer uma releitura de nossas vivências. A memória não é meramente um registro, é muito mais que isso, pois esta objetiva-se “numa narrativa coerente que, em retrospectiva, domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos do real passado quando este foi presente, atuando como se, no caminho, não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento” (CATROGA, 2001, p. 46). Bosi (1994), também nos ressalta que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado... A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (p. 55).

Através da memória do povo, uma reafirmação de suas experiências de formação, conforme Halbwachs (1990), torna-se possível a reconstrução que se opera a partir de dados ou de noções comuns que se encontram pelo contato com o conhecimento de si e com os outros.

Com estudos produzidos pela História Cultural, campo de investigação mais alargado, a constituição leitora aparece imbricada entre leitura, cultura e sociedade, entendendo a leitura como prática cultural. Conforme Chartier (2001, p. 36), “[...]”

pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras [...]”.

Segundo Chartier (1990), em geral, pode-se afirmar que a tarefa da História Cultural seria compreender a realidade de tempos através das suas representações, se esforçando para alcançar àquelas formas, de discurso e de imagem, por meio das quais os homens expressaram a si mesmos e o mundo.

Nesse pensar, para a realização deste estudo, faz-se necessário abordar o contexto histórico, social e político do período da produção literária de Lima Junior, que compreende a mudança da Monarquia para a República.

O Brasil se tornou República após quase 70 de anos de Monarquia. No entanto, antes dessa transição acontecer, o período monárquico foi marcado por três fases, sendo a primeira em 1822, após a independência até a resignação de Dom Pedro I ao trono, em 1831.

A segunda fase se deu a partir dessa abdicação até 1840, conhecida como Regência. E a terceira fase se deu com o Segundo Reinado, momento em que precocemente, Dom Pedro II assume o trono em 1840. Assim, 40 anos após a terceira fase, foi instaurada a Monarquia no Brasil.

O regime republicano foi instituído porque a Monarquia não estava atendendo as demandas do povo, uma delas é que a Monarquia aplicava uma centralidade mais elitista, e isso gerou um desentendimento entre ela e o exército, que se tornava cada vez mais popular ao povo. No entanto, os próprios militares se juntaram aqueles que levantavam a bandeira republicana, junto a isso, somaram forças até conseguirem instaurar o regime republicano.

Mediante tal análise que remonta o Brasil e Caetité ao século XIX, apresenta-se em primeira instância um manuscrito que está contido no caderno de anotações literárias, intitulado “Florilégio”, (1896) escrito por Lima Junior, datado de março de 1889 que condiz

5 Viva!!!....  
Lopes TRovão  
RangEI Pestana  
CamPos Salles  
BocayUva  
UBaldino do Amaral  
SiLva Jardim  
NIllo Peçanha

10 Gly**C**erio  
Sald**A**nha Marinho

B. Ri**B**eiro  
Cy**R**o d' Azêvêdo  
Sá **V**Alle

15 Co**S**me Moreira  
Mac**I**l Pinheiro  
Virgi**L**io Damazis  
**B**ernardino de Campos  
**M**artins Junior  
[...]

Março de 89.  
Lima Junior

O manuscrito trata-se de um acróstico (Anexo E), e contém os seguintes registros: encontra-se no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Notação: caixa – 11. O arquivo possui as seguintes dimensões: 165mm X 217mm, e é composto por 21 linhas, sendo estruturado em apenas uma coluna e, com a presença de letras em destaque (em negrito e de tamanho maior). Em sua estrutura original, essas letras destacadas estão posicionadas em vertical, compondo assim, um acróstico, ou seja, um texto em posição vertical que é complementado e correlacionado a um texto na posição horizontal, estando as duas estruturas ligadas e compondo uma única produção textual.

Sobre o tipo de papel desse manuscrito, trata-se de alçaço, este possui algumas manchas ao redor da folha, sendo estas, possivelmente por conta do tempo. Para tanto, tais manchas não comprometeram a leitura do texto. Também está contido um corte na parte superior do lado esquerdo. A caneta utilizada no manuscrito é a bico de pena sob a escrita tinteiro.

Lima Junior escreve nesse acróstico nomes de pessoas renomadas no processo da República do Brasil e, ressalta essa mensagem, que se encontra nas linhas presentes em cada nome destacado em negrito que, ao final, na posição vertical, percebe-se as palavras: Republica Brasileira (Brasileira). Possivelmente uma alusão do leitor-escritor ao fato histórico, a nível nacional, decorrente daquele período.

Outro manuscrito analisado, datado também do mesmo ano que o manuscrito anterior, 1889, apresenta características referentes também à República Brasileira. Escrito para o Jornal de Notícias, a respeito do falecimento de Tobias Barreto, discorrendo sobre este ter sido um literário de esplêndida mentalidade.

(para o “Jornal de Notícias”)

Tobias Barreto  
 Venho [...] derramar lagrimas de patriota  
 culve o tumulto que encerra os despojes  
 5 mortos do grande sergipano.  
 Foi fulgentissima estrela que apagou-se,  
 estrela que banhava de luz o nosso  
 campo litterario e os horizontes da  
 sciencia. Para [...] ficou - nos  
 10 a certeza que o seu nome é immortal,  
 que suas almas serão as [...] guinas  
 que demonstrarão as pustura  
 a pujança da sua esplendida men-  
 talidade, a força de vontade do  
 15 plebeu que [...] elevar-se da  
 [...], da gloria, que a  
 Historia terá paginas derivadaz  
 para gravar o seu nome “E”  
 seu destino viver no seio da pos-  
 20 teridade.”

Lima Junior  
 Caetité - 12 - julho – 89.

Esse segundo manuscrito contém os seguintes registros: encontra-se em um acervo, no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Notação: caixa – 11. O arquivo possui as seguintes dimensões: 230mm X 135mm, e é composto por 22 linhas, sendo estruturado em apenas uma coluna, com a presença de letras em destaque (em negrito).

Sobre o tipo de papel, trata-se do almaço, este possui uma marca que indica duas dobraduras ao meio. Possuindo um pequeno corte na lateral esquerda situada ao meio da folha, e outro pequeno corte igual na parte inferior. No canto superior apresenta uma assinatura em tinta azul parecendo escrita a lápis de cor. Ao centro da parte superior apresenta as iniciais de Lima Junior seguidas dos números: 6. 3. 1. A caneta utilizada no manuscrito é a de bico de pena sob a escrita tinteiro.

Nessa segunda produção literária, é notável que algumas palavras apresentem características arcaicas, como nas palavras sciência (ciência), derivadaz (derivadas), e em outros casos, palavras que possuem letras dobradas como litterario (literário).

Assim, a partir dessa sucinta análise desses escritos, e intercalando-os ao contexto histórico daquele período, já apresentado, compreende-se que Lima Junior construiu uma relação de intimidade bastante intensa com a leitura e a escrita, mostrando ser um indivíduo dotado de senso crítico naquela época.

### **3. MODOS DE PARTICIPAÇÃO NA CULTURA ESCRITA: A LEITURA/ESCRITA PROJETADA POR LIMA JUNIOR**

As pesquisas em arquivos pessoais são fontes documentais de grande valor para o patrimônio histórico-literário. Ao folhear os cadernos de anotações literárias e os manuscritos de Lima Junior, percebe-se o quanto é um rico acervo para pesquisas de várias áreas do campo do saber, podendo contemplar temas diversificados.

A produção escrita se compunha por gêneros de escrita diversos, entre documentos oficiais, cartas, textos em versos (poesia), entre outros. Escrevia para jornais, como o Jornal de Notícias, e há ainda, indícios de que também escrevia ao Diário do Comércio do Rio de Janeiro.

Nessa perspectiva, é importante enfatizar o leitor-escritor, Lima Junior, porque, em fins do século XIX e início do século XX, conseguiu desenvolver significativa produção cultural e esteve no movimento de tentar dinamizar a literatura, quando, por exemplo, buscou criar o Clube Literário, conforme documento que se encontra entre seus pertences.

Apreciador de poemas, romances e da arte de escrever, deixou uma grande produção literária, representativa da época.

#### **3.1 TEMÁTICAS ABORDADAS NOS MANUSCRITOS DE LIMA JUNIOR: DOS PALANQUES A ESCRITA POLÍTICA E POÉTICA**

Desde muito cedo, assim como seu pai e seu avô, Lima Junior seguiu carreira política, ocupando-se do progresso político, econômico e social de sua região, mas nunca deixou de apreciar a literatura; a leitura de livros, jornais e poemas, especialmente poemas do estilo romântico, de cunho poético, político e social. Escrevendo poemas com ideais de igualdade, liberdade e justiça, fazendo o uso de expressões arcaicas e citações da comunidade local.

Através das transcrições dos manuscritos, como o acróstico que compõe o caderno de anotações literárias, intitulado “Florilégio”, (1896) escrito por Lima Junior, em março de 1889, evidencia-se que boa parte das produções escritas do político e

poético, Lima Junior, faz alusão ao panorama histórico social que o Brasil estava vivendo naquele período.

Nas décadas de 1870 e 1880, o reinado de Dom Pedro II sofreu diversas crises institucionais e muitas manifestações ideológicas que permearam essa mesma época. Grande parte de civis republicanos, militares, abolicionistas com ideais positivistas, e outros grupos interessados no fim da monarquia desejavam uma república autoritária e modernizadora. Entre os defensores do republicanismo e do abolicionismo, encontram-se os jornalistas Aristides Lobo e Quintino Bocaiuva que procuraram mobilizar os interessados em derrubar o Império, e Silva Jardim que era o mais radical e revolucionário. Esses nomes aparecem no acróstico escrito em 1889. E esses republicanos organizaram o golpe, e no dia 15 de novembro de 1889 ocorreu a Proclamação da República Brasileira na cidade do Rio de Janeiro.

Nota-se que os escritos de Lima Junior, tinham influência das suas experiências na política e inspirados mediante acontecimentos marcantes da época, a nível nacional.

Nesse sentido, pode-se considerar que a literatura de Lima Junior cumpria uma importante função social de disseminar o escrito, e lutar em prol da educação, da cultura popular e de uma sociedade mais justa, aproximando a cultura letrada de sujeitos que tinham pouco domínio da leitura e escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos a trajetória de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior nas culturas do escrito, salientando os modos de participação que esse intelectual construiu a partir das suas práticas de leitura e escrita.

As produções literárias e os manuscritos de Lima Junior, aqui estudados, exibem perspectivas de duas vertentes, uma no campo literário que apresenta características de um enredo sutil, gracioso, e ao mesmo tempo profundo, e a outra de cunho político, social e histórico, traçado por uma avidez amálgama.

O intuito de analisarmos tais manuscritos se consolidou através da necessidade de investigar como se deu a circulação das culturas do escrito, entre o fim do século XIX e início do XX, no Alto Sertão da Bahia, além das circunstâncias sociais, no âmbito que relaciona a importância dos manuscritos e o seu passo a passo de execução, entrelaçado a sociedade e seu contexto.

Partindo desses pressupostos, a luz de tal experiência, frisamos a relevância, que se faz necessária, do pesquisador, em seu papel de investigações minuciosas que corroboram a entender o presente mediante o passado. E assim, auxiliar em estudos de outros campos das mais diversas áreas.

As produções escritas e as práticas de leitura analisadas viabilizaram um esclarecimento acerca de um determinado tempo, dentro de um contexto histórico, social e político, voltado inicialmente para um local micro, Caetité, e conseqüentemente para um âmbito macro, a nível nacional, Brasil. Tais possibilidades fizeram entender passagens de fatos acontecidos na República Brasileira em fins do século XIX, possibilitando o entendimento de circunstâncias presentes hoje, tanto do campo histórico-político social, quanto do campo literário.

Espera-se que este estudo contribua para outras pesquisas sobre cultura escrita e difusão do escrito, ajudando a dar visibilidade à função de outras instâncias educativas e culturais.

## FONTE

### Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)

#### *Correspondências Usuais*

Fundo: Arquivo da Família de José Antônio Gomes Neto (Barão de Caetité)

Série: 06 – Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior

Subséries: 03, 05, 06, 07 e 08.

Maço: 01 e 02

Notação: Caixa – 11

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Percursos da leitura. In: \_\_\_\_\_.(Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007, p. 9-15.

AGUIAR, Lielva Azevedo. **A fina flor**: elite e poder em Caetité (1920 -1940). Anais do Encontro Estadual de História – ANPUH-BA, 2008.

AGUIAR, Lielva Azevedo. **Agora um pouco da política sertaneja**: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885 - 1924). Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Mestrado em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus, 2011.

AGUIAR, Lielva Azevedo. **Em meu Caetité**: a cidade através dos livros de memorialistas. Disponível em:  
<[http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/L/Lielva\\_Azevedo\\_Aguiar.pdf](http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/L/Lielva_Azevedo_Aguiar.pdf)>  
Acesso em: 20/09/2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATROGA, F. Memória e História. In: PESAVENTO, S. J. (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. Notas sobre a demanda sociais de representação e os livros Didáticos de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. (Org.). **O livro Didático de História**: políticas educacionais, pesquisa e ensino. EDUFRN, Natal: 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. UNESP, 2. ed. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

ESTRELA, Ely Sousa. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas FFCLH/USP: Fapesp/Educ, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *et al.* (orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Poliana Janaína Prates. Objetos e práticas de leitura de um “novo letrado”: estudo de um percurso individual no século XX. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *et al.* (orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_; SILVA, Sandra Batista A. **Processos de participação na cultura escrita: Estudo de um percurso individual ao longo do século XX**. Texto digitado, 2008, p.1-16.

\_\_\_\_\_. **História da cultura escrita: tendências e possibilidades de pesquisa**. Belo Horizonte: 2009.

\_\_\_\_\_, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GAMA, Alexandra V. F. **Militarizar e dominar: as relações de poder em Caetité no império**. Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 07: Diversidade e Desigualdade, Poder e Conflito Social: Leituras Dialéticas da História, 2006.

GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. **Um painel com cangalhas e bicicletas: os (des)caminhos da modernidade no alto sertão da Bahia (Caetité, 1910 – 1930)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértices, 1990. 189 p.

HÉBRARD, Jean. Alfabetização e acesso às práticas da cultura escrita de uma família do Sul da França entre os séculos XVIII e XIX: um estudo de caso. In:

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (Orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras** (sertões brasileiros I), v. 2. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Coordenação de Geografia, 2009.

LACERDA, L. de. **Álbum de leitura; memórias de vida, histórias de leitura**. São Paulo: UNESP, 2003. 498 p.

LIMA, Zamana Brisa Souza. **Museu do Alto Sertão da Bahia: diálogos entre museu de território e culturas digitais**. 213 f. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Museologia. Salvador, 2016.

MARQUES, Zélia Malheiro. **Entre viagens, leituras e leitores: A itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira**. Dissertação de Mestrado. Salvador, UNEB, 2009.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **O arquivista de si – história e memória do escritor Camillo de Jesus Lima**. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade), Vitória da Conquista: PPMLS/UESB, 2017.

MENDES, Bartolomeu de Jesus. **Caetité: a terra, a cultura e sua gente**. Caetité. Gráfica e Papelaria Caetité, 1996.

MELO, Juliana Ferreira de. **Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (1903-1913)**. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

MINDLIN, J. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, M. (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFES, 1998.

NEVES, Flávio. **Rescaldos de Saudade**. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **A norma dos bons costumes e as resistências femininas nas obras de João Gumes (1897 – 1930)**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

OLSON, D. & TORRANCE, N. **Cultura Escrita e Oralidade**. (Trad. Valter Lellis Siqueira). São Paulo, Ática, 1995.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)** / São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fios da vida:** tráfico interprovincial e alforrias. Escravos e ex-escravos nos *sertoins de sima*. Rio de contas e Caetité-BA (1860-1920). Tese (Doutorado em História Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fios da vida:** tráfico interprovincial e alforrias nos *sertoins de sima* - BA : (1860-1920). São Paulo: Annablume, 2009.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

REIS, Joseni Pereira Meira. **Instâncias Formativas, Modos e Condições de Participação nas Culturas do Escrito:** o caso de João Gumes (Caetité-Ba, 1897-1928). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2010. 194 p.

RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia:** a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927). 157 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

SANTOS, Helena Lima. **Caetité Pequena e Ilustre**. Ed. Brumado: Tribuna do Sertão, 1997.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Manifestações modernizadoras no alto sertão baiano – Caetité (1910 - 1920)**. Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2010.

## SITES CONSULTADOS

Acervo da Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>>

<<https://www.arquivocaetite.ba.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-caetite/>>

FERNANDES, Cláudio. “15 de Novembro – Dia da Proclamação da República”; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-da-proclamacao-da-republica.htm>>. Acesso em: 01/06/2019.

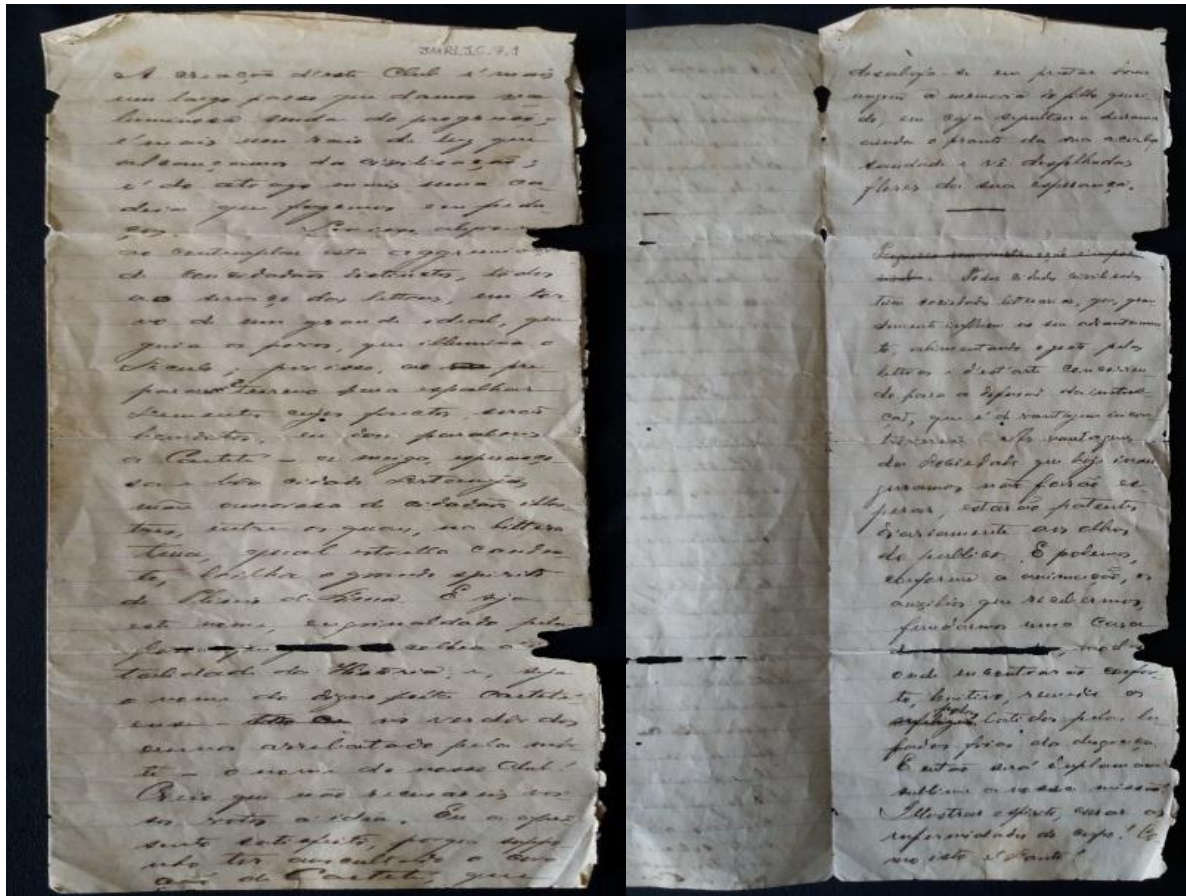
“Terceira geração romântica: condoreira” em Só Literatura. Virtuuous Tecnologia da Informação, 2007-2020. Consultado em 20/09/2019. Disponível em: <<http://www.soliteratura.com.br/romantismo/romantismo08.php>>

**ANEXOS**

**ANEXO A – Cadernos de anotações literárias de Lima Junior**

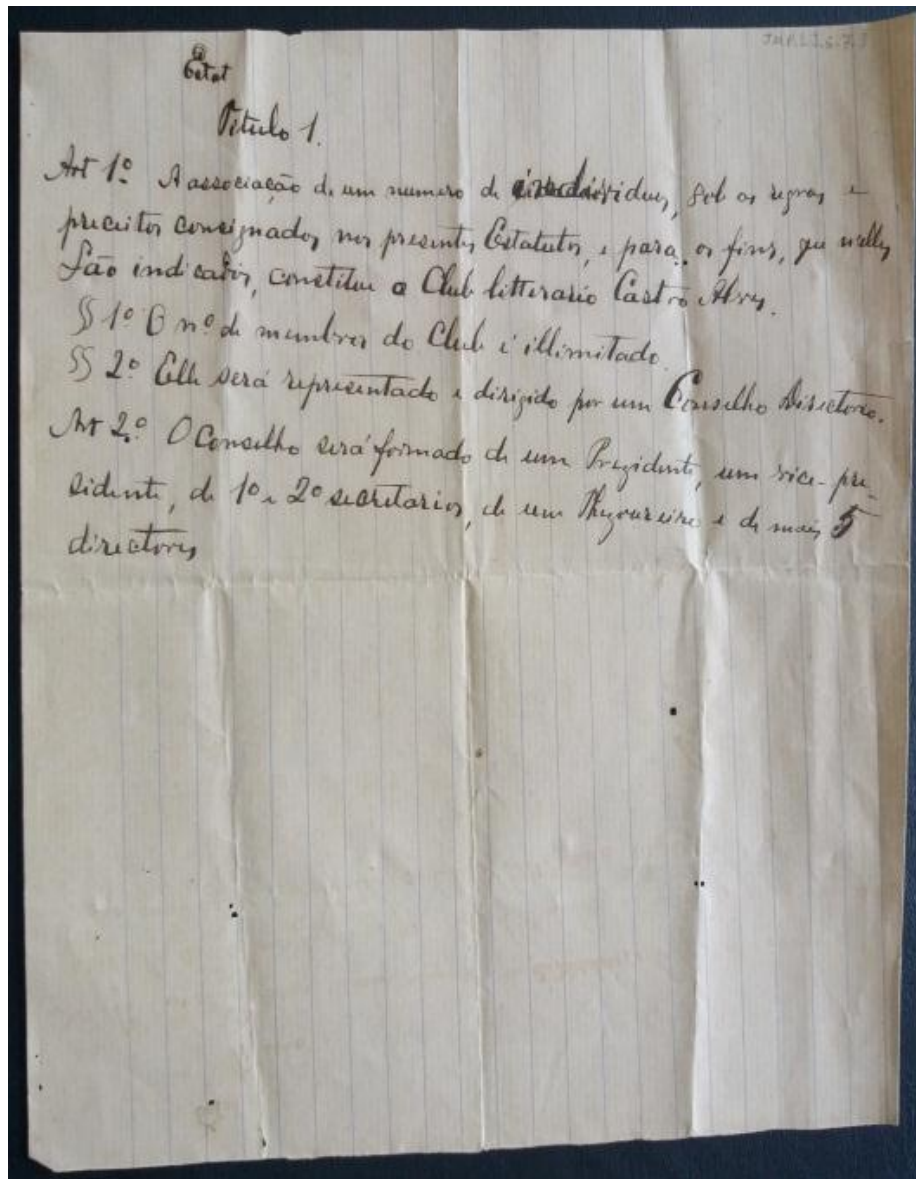


## ANEXO B – Clube Literário Castro Alves



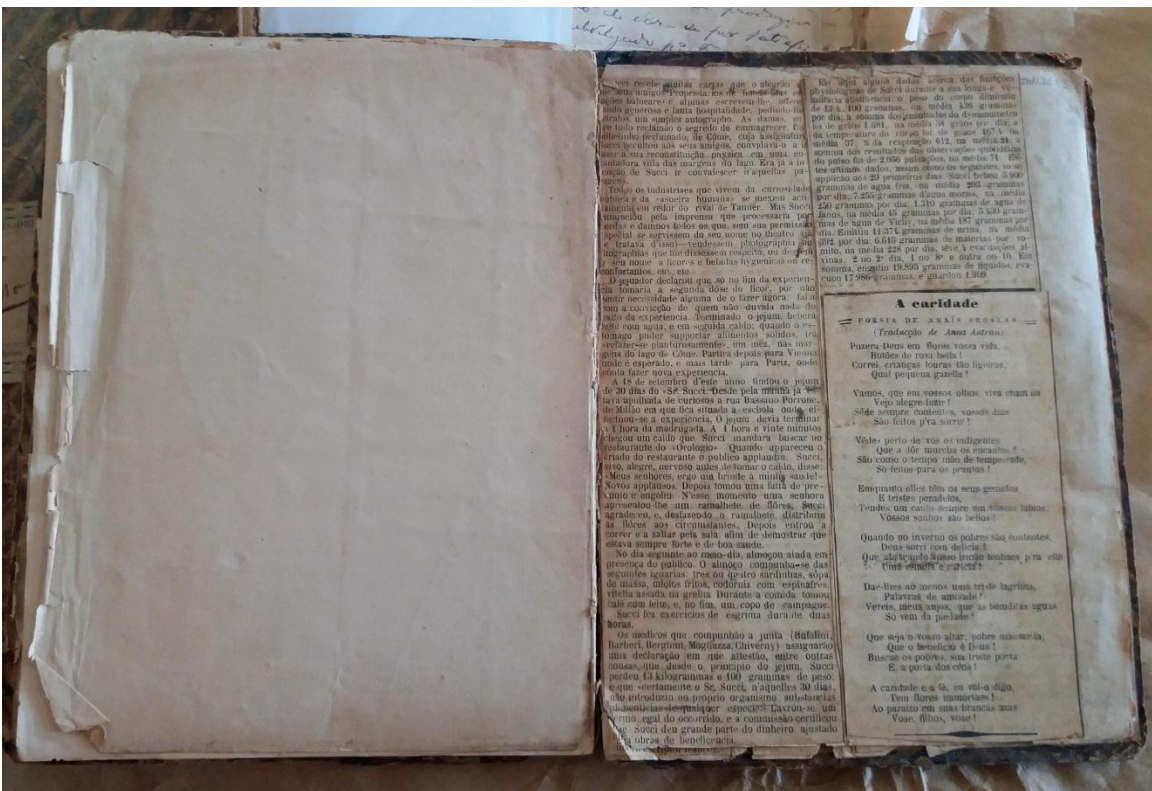
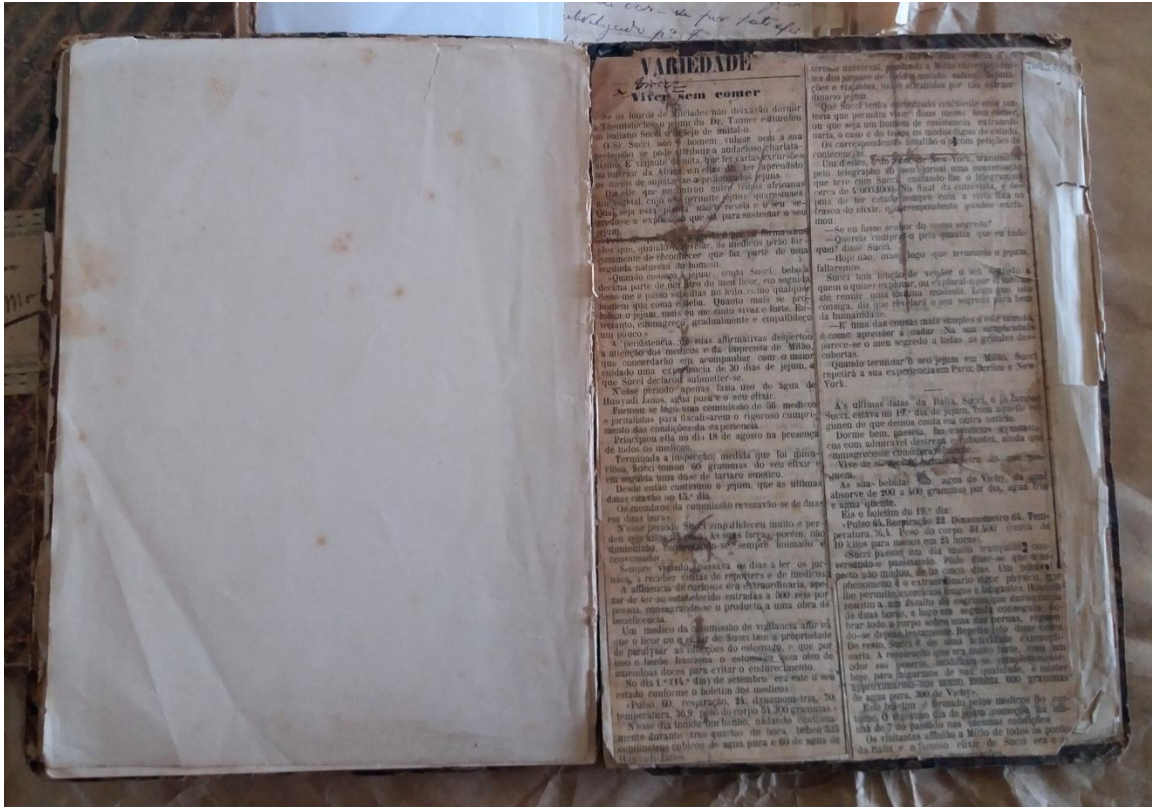
Clube Literário Castro Alves criado em 1894.  
 Fotomontagem feita pela pesquisadora em setembro de 2019.  
 Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

## ANEXO C – Estatuto do Clube Literário Castro Alves



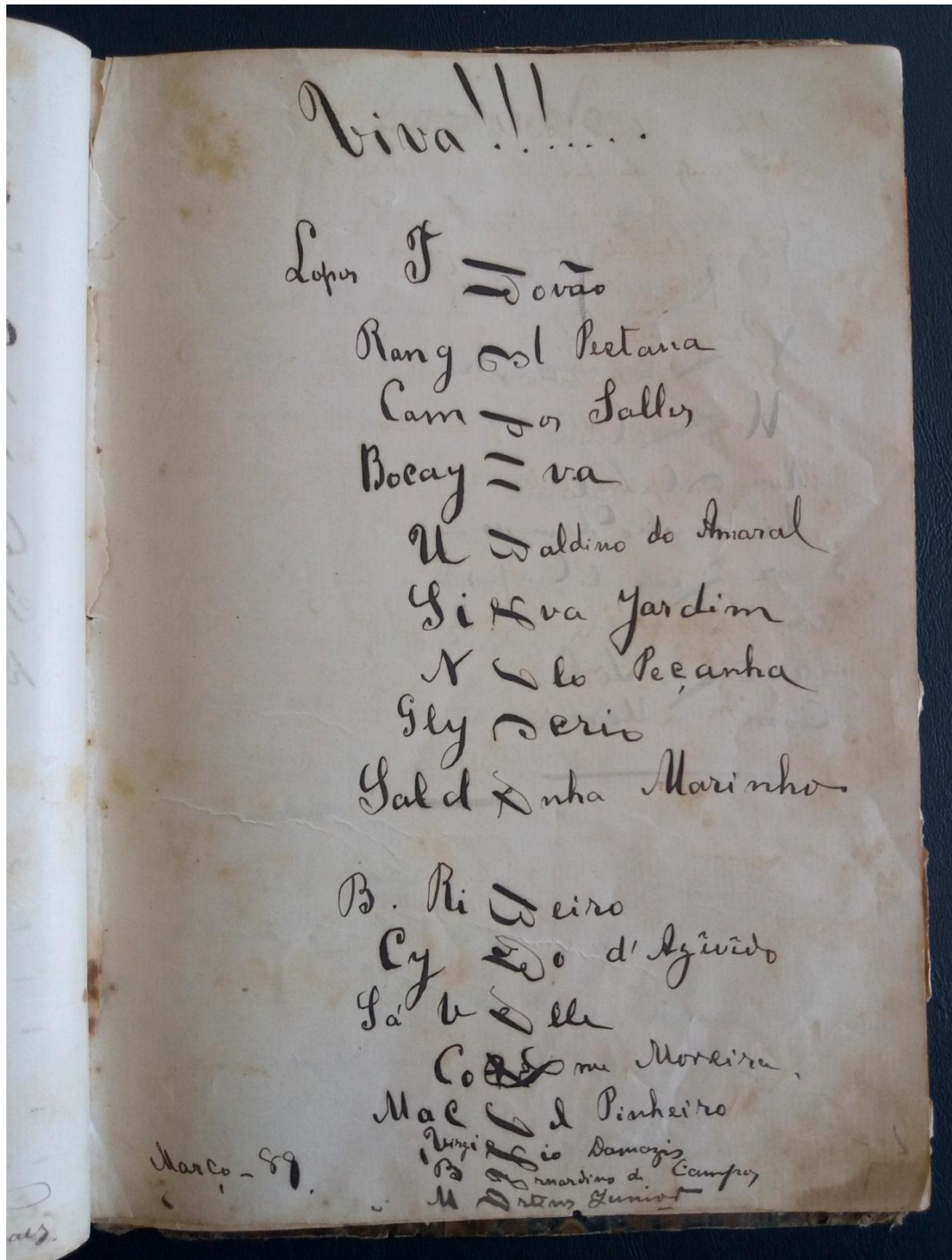
Estatuto do Clube Literário Castro Alves; s.d.  
 Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

ANEXO D – Recortes de jornais colados em cadernos de anotações literárias



Caderno de anotações literárias, intitulado “Florilégio”, (1888).  
Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

## ANEXO E – Acróstico produzido por Lima Junior.



Acróstico escrito em março de 1889.  
 Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).